



Diálogos com a terra: um estudo de caso no sertão de Pernambuco

Janice Alves Trajano¹
Renata Menasche²

Resumo

Este texto é baseado em um estudo de caso realizado com uma família que vive em um sítio no sertão de Pernambuco e tem implementado práticas agroecológicas no local há uma década. A pesquisa de campo foi conduzida entre 2019 e 2021, utilizando observação participante e entrevistas não estruturadas com os membros da família: Vicente, Cícera e seus quatro filhos. O casal relata que, durante a aquisição da propriedade, vizinhos e familiares se opunham, argumentando que aquela terra seria improdutiva por ser excessivamente seca. Assim, eles se viram compelidos a buscar estratégias que pudessem transformar aquele ambiente. Com esse cenário, o presente trabalho objetiva discutir mudanças na relação entre seres humanos e terra durante a transição do cultivo convencional para o manejo de base agroecológica no sertão. A partir dos relatos, percebe-se que o manejo agroecológico exige mais do que alterações nas práticas de cultivo; também envolve uma mudança na visão sobre a terra, que passa a ser compreendida como um ser vivo, dinâmico e dialogante com o espaço. Aqueles humanos veem sua missão de vida no cuidar da terra, e, por sua vez, a terra também cuidaria deles. Alguns obstáculos podem surgir nessa relação, como a diferença na percepção que humanos e terra têm sobre o tempo. No entanto o sucesso estaria na virada de perspectiva de uma visão utilitarista sobre a terra, para uma concepção de construção de vida compartilhada entre múltiplos seres, entre eles, humanos e terra.

Palavras-chave: Agroecologia, Sertão, Antropologia Rural.

1 Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas.

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

1 Introdução

O texto a seguir foi elaborado a partir de um estudo de caso realizado com uma família que habita um sítio e pratica transição agroecológica há mais de uma década, no sertão do estado de Pernambuco. A pesquisa de campo ocorreu entre os anos de 2019 e 2021, na qual foi feito uso de observação participante no local e de entrevistas não estruturadas com integrantes da família. As entrevistas foram sempre realizadas no sítio, enquanto a família realizava suas atividades cotidianas em conjunto com seres mais-que-humanos, a fim de compreender como a vida moldava a paisagem. Com base em Tim Ingold (2018), entendemos por *vida* e *paisagem* a composição do meio através de entrelaçamentos de fios, formando tramas, constituídas por humanos, animais, terra, ferramentas e outros materiais que tecem a vida.

Em primeiro lugar, é importante considerar que há características importantes no sertão que permeiam muitos dos temas abordados pela vida nesse sítio, como a existência de meses de secas, ou estiagem, após os períodos chuvosos. No entanto, consideramos o sertão não apenas como uma região delimitada por aspectos ambientais, mas também como uma construção política, organizada sob influência colonizadora, uma vez que havia um forte interesse na ocupação dos territórios do interior do Brasil. O gado e a cana-de-açúcar desempenharam um papel significativo nesse projeto, e assim, lidar com esses seres e usar o que eles produzem faz parte da identidade sertaneja (Paquereau; Machado; Carvalho, 2016).

A forma como as pessoas lidam com a questão das secas tem sido modificada nas últimas décadas. Antes, prevalecia a ideia de que era necessário "combater" o fenômeno, mas atualmente tem ocorrido uma transição de paradigma, adotando-se o termo "convivência com o semiárido" (Conti; Pontel, 2013), o qual também reflete uma mudança na visão em relação ao ambiente. Portanto, considera-se mais adequado falar sobre "convivência" do que sobre "combate às secas", pois a primeira abordagem leva em conta as agências mais-que-humanas. A defesa da "convivência" pode promover uma composição mais inclusiva das existências que constituem o meio.

Concepções etnocêntricas estão associadas a concepções antropocêntricas sobre o semiárido brasileiro. Isso pode ser observado, por exemplo, na maneira como a região Nordeste, que compõe grande parte do semiárido, é retratada em veículos jornalísticos.

Muitas vezes ela é exposta como se fosse uma região desprovida de riqueza, com democracia e política empobrecidas. Por outro lado, a região Sudeste do país é retratada como o lugar da “modernidade” e do “desenvolvimento” (Silva, 2010). Ao longo da história, foram arquitetadas políticas públicas direcionadas ao semiárido partindo de um viés estritamente econômico, colocando a paisagem como um campo de disputa para o estabelecimento de um projeto colonial, sem levar em consideração as existências mais-que-humanas e suas formas de continuar existindo no mundo (Medeiros, 2019).

Para as pessoas que vivem no local desta pesquisa, a escassez de água não ocorre apenas devido às características próprias do semiárido. De forma significativa, a administração inadequada do meio, tanto pelo poder público quanto pelos próprios moradores, contribui majoritariamente para muitas das adversidades observadas na região (Trajano, 2021). Assim, as secas têm um agravamento antropogênico e não são como um infortúnio inevitável. Da mesma forma que a água pode ser utilizada de forma inadequada para plantações, ela também pode ser melhor aproveitada, retida e preservada por meio de formas mais inclusivas de cultivo e manejo da paisagem.

Foi com base nesses pressupostos sobre as secas e a vida no sertão que, há mais de uma década, Vicente e Cícera³ decidiram implementar práticas agroecológicas em seu sítio no interior do estado de Pernambuco. Eles haviam se casado há pouco tempo quando adquiriram as terras e estavam construindo sua família, tendo a agricultura como fonte de renda e vida. O casal relata que ouviu de várias pessoas da própria região que aquelas terras eram ruins, que os cultivos não teriam como “vingar” devido à falta de água e nutrientes no solo. No entanto, eles acreditavam que, se adotassem um manejo da paisagem diferente do que vinha sendo realizado, o sítio poderia prosperar.

Os termos “transição agroecológica” ou “conversão agroecológica” correspondem ao processo pelo qual a produção agrícola evolui, adquirindo complexidade conforme se busca maior sustentabilidade. Esse processo envolve a redução da utilização de insumos externos e a substituição de técnicas convencionais por técnicas alternativas até que se forme um agroecossistema próprio, sustentável e autossuficiente (Caporal; Costabeber, 2004). Considerando a magnitude do desafio, a transição agroecológica é um processo lento e não existe um parâmetro temporal para determinar quando ele se encerra. Na

3 Optamos por utilizar nomes fictícios para descentralizar as histórias humanas neste texto.

verdade, para manter essa transição, dadas as condições, ela pode nunca terminar. A transição é constante, e o propósito da agroecologia está nos meios, não nos fins. Neste texto, nos propomos a discutir formas de manejo da terra adotadas pela família, utilizando uma perspectiva pós-humanista.

2 Bordas construindo a espacialidade

No sertão, a agroecologia enfrenta o desafio da escassez de água. Entretanto, o sertão não é carente de água o ano todo. O que realmente caracteriza a região é a alternância entre um período de chuvas e um período de secas. Portanto, é necessário aproveitar adequadamente o período com maior incidência de chuvas, reter ao máximo essa água e fazê-la durar durante o período de seca. O armazenamento de água exige a combinação de várias metodologias, envolvendo ações não apenas humanas, mas também de plantas e solo.

Além das cisternas, que captam água das chuvas e a armazenam em grandes tanques geralmente feitos de alvenaria, existem outras formas de construção que ajudam na retenção de água. Jorge, um dos filhos de Vicente e Cícera, construiu uma estrutura em alvenaria semelhante a um pequeno muro (Figuras 1 e 2) entre o alpendre e o terreiro. Isso traria uma melhor integração entre a plantação e a casa, ajudando a reter a água no solo próximo às plantas e evitando que a umidade se espalhe para o lado da casa. De acordo com Jorge, essa medida tem a vantagem de reduzir a necessidade de molhar a terra.

A estrutura erguida entre a casa e a plantação não visa separar espaços, mas construir espaços para que cada uma daquelas existências que compõem o meio possa encontrar o seu próprio lugar e envolver-se de forma mais ou menos próxima com outras existências do meio. Luiza Dias Flores (2018) destaca a importância de criar e habitar bordas, a partir de seu estudo com uma comunidade que utiliza técnicas de permacultura. As bordas permitem o movimento entre diferentes ecossistemas, criando um ambiente transitório onde coexistem diversas dinâmicas e transformações. Com as bordas, a interação entre os ecossistemas vizinhos se torna mais afinada (Flores, 2018).

Sem a borda, a água se dissiparia através de espaços que não teriam necessidade de estarem tão úmidos. A terra que sustenta a casa em seus limites imediatos não precisaria receber água, e se esta é limitada, deveria ser preservada onde ela é essencial. Assim, a

terra à beira da casa fica seca, arenosa, amarelada, em contraste com a terra após o muro, que permanece úmida, repleta de matéria orgânica, protegida de cima pelas folhas das plantas que nela crescem e pelas bordas em suas laterais. Essas estratégias não aprisionam a água, mas permitem que seu fluxo seja mais controlado e lento.

Seguindo a lógica das bordas como criação de espaços e não como separação, no ambiente interno da casa, Cícera fez um fogão a lenha alocado em um local estratégico, que possibilitava o trânsito de uma corrente de ar mais constante, prolongando a duração do fogo. Nesse fogão, Cícera incluiu um espaço preenchido com terra. Neste caso, a terra entre o calor intenso produzido pelo fogão e o ambiente externo à ele, evita que esse calor alcance espaços que não deve tomar. Assim, quem cozinha mantendo-se no pé do fogão não sente tanto desconforto térmico a altura do ventre. A cozinha, como um todo, fica menos quente, e a sensação térmica no cômodo fica mais confortável para os humanos.



Figura 1: Terra, bordas, plantação: a terra seca
Fonte: De autoria própria



Figura 2: Terra, bordas, plantação: a terra úmida
Fonte: De autoria própria

As cinzas produzidas pelo uso do fogão a lenha são coletadas e devolvidas ao solo. “Devolvidas” porque as próprias cinzas são decorrentes do desenvolvimento do ser verde na terra. A terra proporciona substâncias que são adquiridas e transformadas sob a designação de nutriente pela planta, que, com o tempo, cresce e é retirada do solo com o propósito de tornar-se lenha, entre outros possíveis destinos. Colocar cinzas no solo é criar novos ciclos, com o intuito que eles possam ser criados sem o esgotamento de matérias ou de seres em alguma das etapas. Essa mecânica mobiliza diferentes espaços, complexificando as funções deles e dos agentes presentes. É perceptível o esforço uma constante integração entre a casa, o quintal e a família, como se todos estivessem interligados.

Para compreender melhor o fogão a lenha, podemos mencionar escritos de Tim Ingold (2018). O autor afirma que a mente e o corpo estão entrelaçados ao ambiente ao

redor, e nenhum objeto está limitado a um espaço específico. A existência é uma rede de ocorrências em constante decomposição e recomposição. O fogão é um exemplo de organismo que se expande além dos limites da cozinha, alcançando o quintal. Ele é fundamental para fornecer nutrientes ao solo, que sustenta a casa e permite o crescimento de vegetais que serão utilizados como lenha no fogão, fornecendo energia térmica para os alimentos, que também retornarão ao fogão para serem digeridos, transformados e terem um sabor mais agradável para as pessoas que construíram esse objeto e fazem parte desse complexo. Isso, por sua vez, influencia a qualidade do abrigo, nutrição e renda proporcionada por esse mesmo complexo.

Cabe ressaltar que essa cadeia engendrada por plantas e solo não inclui somente as relações entre vegetais e minerais, mas envolve uma diversidade de seres animais, fúngicos e procariontes. Entre os animais, há o agricultor, que se constitui enquanto habitante daquele lugar e concebe o seu próprio ofício a partir das relações com os diversos seres vivos, ou não, que estão presentes naquele meio. No caso da transição agroecológica, a capacidade autônoma pode ser vista proporcionalmente como um indicador de sucesso no trabalho do agricultor em não atrapalhar os outros seres com os quais ele lida, ainda que ele tenha um objetivo de mediação, que em tese seria em seu próprio favor, mas também em favor daqueles mais-que-humanos.

A exemplo de mediações que incluem terra e mais-que-humanos, temos o fertilizante produzido à base de café. Com o preparo da bebida para os humanos, forma-se um resíduo sólido: a borra. Esse resíduo não é descartado, ou não é visto como lixo. Em vez disso, a borra é reinserida no sistema. O material é colocado em uma garrafa pet fechada, acrescida de água. O recipiente não é preenchido por líquido em sua totalidade, permitindo um pequeno espaço com ar. Ali cria-se um lugar propício ao desenvolvimento de microrganismos, que utilizam da mistura de água, ar e borra de café para nutrirem-se e proliferarem-se. Para garantir que as espécies ali presentes mantenham uma certa harmonia, ou seja, para que uma não se sobreponha à outra, a garrafa é vigorosamente agitada a cada dois dias. Após cerca de uma semana atinge-se o ponto ideal do que deve ser o fertilizante do solo. Os microrganismos esgotam o poder nutritivo da mistura e multiplicam-se em sua capacidade máxima, sem que seja necessário que consumam uns aos outros. Esses seres, além de serem compostos de nutrientes essenciais na constituição

do solo, como nitrogênio, fósforo e potássio, também tornam outros elementos presentes no café mais fáceis de serem absorvidos por parte do solo e das plantas. Forma-se então um “fertilizante”, ou seja, um complexo de substâncias obtido através do contato entre seres, que tem por finalidade alimentar o solo, o qual alimentará as plantas.

Este caso nos auxilia a compreender como as relações multidirecionais conduzem à habilidade de resposta, utilizando o termo de Donna Haraway (2016). A borra de café em si, caso seja derramada sobre uma porção da terra, não age como fertilizante. O resíduo só cria a potencialidade de um devir fértil quando interage com os microrganismos em um meio mediado pela água e pela ação humana. Os microrganismos não podem entrar em desequilíbrio e precisam manterem-se vivos, portanto, o processo dá mais vida a borra de café, para que ela, por sua vez, proporcione vida ao solo. Podemos ainda citar o pensamento de Tim Ingold (2018) quando ele lembra que, para muitos, a ideia de vida não é uma característica dada, pré-definida, mas uma consequência dos movimentos que conjugam a existência de algo no mundo. Neste caso, o solo, que é um complexo de minerais, desprovido de células, é um ser vivo para aqueles que cotidianamente têm com ele uma íntima relação. Esse mesmo solo pode dar suporte à vida de diversos seres, inclusive poderia originar um pé de café, que após outras interações, se tornaria uma bebida de café, dando continuidade ao ciclo.

3 Cuidar do solo

Muitas vezes Cícera utilizava a palavra “cuidar” como sendo um sinônimo de realizar atividades de trabalho. Isso leva a considerar que para Cícera, e para a família, o trabalho no sítio envolve cuidados mútuos. Se os humanos são cuidados pela terra, que fornece sustento para que eles possam criar suas vidas, é essencial que as trocas se façam presentes de forma constante e permanente. A interrupção nessas trocas, ou o desequilíbrio nessas ações de reciprocidade geraria impasses nas relações dos humanos com a terra, em uma trama que culminaria com a impossibilidade desses agentes continuarem com seus cotidianos férteis.

Primavesi e Primavesi (1964) afirmam que o solo é um organismo vivo e único. Essa unidade implica no fato de que o que afeta o solo em uma determinada localidade do globo, poderá afetá-lo em outra localidade. Já Anna Tsing (2019), questiona não apenas a

falta de crédito dada aos estudos da socialidade dos seres não humanos, mas também a negligência dos seres "não vitais". As águas e as rochas reagem e são transformadas, portanto, aquilo que ela chama de "descrição crítica" deve incluí-los (Tsing, 2019). A preservação da vida do solo é um dos preceitos defendidos pela agroecologia, de forma que ele não se trata de um mero suporte. Crê-se que esse organismo vivo possui uma relação íntima com todos os processos próximos a ele, sejam físicos, químicos ou biológicos. Assim, torna-se impossível tratar qualquer fator isoladamente. Na verdade, as técnicas desagregadoras tornariam o solo – e com isso toda a microvida – desequilibrado, doente e improdutivo (Primavesi; Primavesi, 1964).

Para Artur Primavesi e Anna Maria Primavesi (1964), dois dos maiores nomes no campo da agricultura – até então chamada de – intensiva no Brasil, o modo de produção extensivo seria responsável pela fome no mundo, opondo-se às ideias de que o aumento da população traria esse mal. Eles defenderam uma agricultura que, além de respeito, pudesse oferecer cuidado e amor ao solo. Os métodos que causariam maiores danos ao solo seriam os seguintes:

- 1.) Arações profundas demais e o emprego de máquinas “pulverizadoras” de torrões do solo, porque **são feitas sem levar em conta a vida do solo e a sua decadência**. Um homem, forçando um outro, gravemente enfermo a trabalhar, é um monstro. **Um homem, obrigando um solo altamente decadente a produzir; é um criminoso**
- 2.) Calagens altas, provocando a **saída dos últimos nutrientes do complexo de troca e empobrecendo, assim o solo**: Vai aqui a regra: “Calagens altas fazem pais ricos e filhos pobres”. 3.) Adubações unilaterais com NPK, **esgotando as últimas reservas** nos demais 12 nutrientes vegetais, até agora conhecidos, pelo esforçado e artificial desenvolvimento vegetal (Primavesi; Primavesi, 1964, p. 8. Grifos próprios)

Percebe-se no texto dos autores a tentativa de levar o leitor a enxergar a relação entre humano e solo como uma relação social. Essa estratégia permite maior sensibilização do produtor, mas também demonstra como devem ser pautadas as relações no campo: sem exploração a seres de qualquer espécie. A aração, a qual os Primavesi (1964) citam, é uma forma comum de preparo da área de cultivo na agricultura mecanizada, consistindo em revolvimento da terra. A calagem é a aplicação de calcário ou gesso para a “correção” da acidez do solo. No entanto, essas práticas afetam negativamente toda a microvida existente, degrada a estrutura do terreno, que perde

matéria orgânica e a capacidade de reter água, tornando-se compactado e, por conseguinte, menos fértil (Feiden, 2005).

Os autores citados criticam formas de tratamento do solo e do ambiente que desrespeitem as particularidades de cada local. Muitos desses processos da agricultura “moderna” são padronizados, de forma a criar problemas que deverão ser solucionados a partir da compra de insumos produzidos pelas grandes empresas do agronegócio. Gera-se um ciclo de dependência do produtor com o mercado devido à tentativa de subjugação dos seres não humanos. Podemos chegar também a autores da Antropologia que estudam as relações entre humanos e o meio ambiente. Lembramos de Donna Haraway (2016) que evidencia que os homens constituem sua história no planeta terra em arranjos com outras espécies, seja de atores orgânicos ou abióticos. A mencionada autora, ao analisar as relações entre humanos e animais de laboratório, demonstra que, uma vez que o cientista se constitui nas suas interações com aqueles seres, em uma relação recíproca, estes devem entre si responsabilidades ou respostas. Essa capacidade de resposta em relacionamentos multidirecionais pode ser denominada de “responsabilidade”. O termo em inglês responsibility, quando decomposto, response-ability nos conduz à ideia de “habilidade de resposta”.



Figura 3: Solo em processo de recuperação após intenso desgaste
Fonte: De autoria própria

O solo obtém benefícios, ou malefícios, a partir das interações com os humanos, que aqui são agricultores. A habilidade de resposta neste caso pode ser observada quando ao fornecer os nutrientes adequados, o solo oferece condições ideais às plantas, que, por sua vez, terão maior produtividade. Por outro lado, caso não sejam oferecidas as condições ideais ao solo, ou quando este é explorado à exaustão, ele responde de forma simétrica, não proporcionando condições ideais para o desenvolvimento de vegetais. Algo que também põe em risco a condição de agricultor. Vicente impõe limites aos visitantes para zonas que não podem ser pisadas, porque são frágeis “como bebês”, nos lugares em que recentemente foi plantado um vegetal no solo. Para que a interação da planta com a terra seja bem sucedida, é necessário que esses seres se abracem lentamente, e uma interferência mecânica como uma pisada de humano faria com que esse encontro acarretasse em danos irreversíveis à planta.

Já Cícera, fala que o proprietário anterior do terreno plantava “só” mandioca, assim como boa parte dos vizinhos até hoje especializam-se nesse cultivo. Esse mesmo proprietário teria realizado muitas queimadas nos anos em que lá esteve, e isso teria “empobrecido” o solo, o qual naturalmente já sofria com a escassez de água. Isso seria um “desrespeito” ao solo. A destruição da paisagem seria muito rápida e a reconstrução das perdas seria muito lenta, e por isso ainda hoje o que faz é devolver à terra que – teria ficado doente – aquilo que lhe foi extorquido.

Outro ponto a ser observado é a associação entre a “fome” do solo e a das pessoas no mundo. Os fertilizantes químicos que aumentariam a produção promovem um desequilíbrio nutricional que resulta em um solo pobre. Um solo explorado e malnutrido não poderá ter a vida necessária para fornecer os nutrientes necessários aos homens, igualmente explorados e malnutridos. As deficiências nutricionais atingem não somente aqueles indivíduos que não possuem acesso regular e permanente a alimentos. Cerca de um terço da população mundial possui algum déficit de nutrientes devido a uma alimentação inadequada, com estimativas de que esse quadro atinja metade dos indivíduos até o ano de 2030 (ONU Brasil, 2017).

Somando-se às substâncias muitas vezes presentes na agricultura convencional, como agrotóxicos, antibióticos e aditivos, instaura-se um expressivo índice de doenças crônicas não transmissíveis como obesidade, diabetes, alergias, doenças cardiovasculares e câncer, de acordo com o próprio Instituto Nacional do Câncer (2022). Este também destaca a agroecologia como a alternativa para a redução da incidência das complicações citadas. Não apenas os consumidores desse sistema alimentar sofrem com seus malefícios sobre a saúde. Além dos agravos decorrentes da exposição direta aos agrotóxicos, as comunidades no entorno das plantações sentem efeitos nocivos, com elevadas taxas de câncer, malformações congênitas, doenças de pele, hepáticas e renais. Substâncias como o glifosato já foram encontradas até mesmo no leite materno (Via Campesina, 2017).

Quando Cícera e Vicente relatam dificuldades em tentativas de restabelecer a saúde da terra em algum espaço específico do sítio, eles também falam sobre a percepção do tempo, que para humanos seria diferente em relação aos outros seres. Os humanos seriam apressados demais, e essa pressa acarretaria em uma relação mais conflituosa com o solo e com as plantas que nele crescem. Os sentidos dos humanos e dos seres-mais-que

humanos também seriam distintos, e para que houvesse uma boa comunicação, em meio a essas diferenças, se fazem necessárias aproximações e tentativas de diálogos, que nem sempre são bem-sucedidas. Por exemplo, o solo, em conjunto com as plantas, podem comunicar que alguém na família ou na comunidade está com alguma enfermidade. No entanto, esse diagnóstico não ocorre sempre no tempo de compreensão dos humanos, demandando atenção (Trajano, 2021).

Ao explicar “como as florestas pensam”, Eduardo Kohn (2013) levanta que seres orgânicos e, em sua medida, inorgânicos, possuem formas próprias de manifestação de perspectiva de futuro, algo que nos direciona a refletir sobre as origens da vida e do pensamento. A inteligência seria a capacidade de aprendizagem configurada a partir da experiência. Há uma inteligência “científica” nas possibilidades de modificação de acordo com a situação colocada pelo ambiente. A própria agroecologia como ciência se desenvolve na sistematização de técnicas em que as plantas recuperam e mantêm a saúde umas das outras em coletivo.

No campo observado, a prática do respeito aos seres mais-que-humanos é indispensável para que ocorra o respeito entre seres humanos. Deste conjunto indissociável configura-se o que pode ser apreendido como o sítio. Ingold (2018) aborda a percepção ambiental através dos pés. Se o ser humano moderno perdeu a afinidade com o ambiente devido ao uso de sapatos, o contato direto com o chão pode promover uma melhor compreensão do ambiente. No entanto, o autor enfatiza que a percepção envolve todo o corpo, não apenas um sentido. Para a família, a integração nas vivências compartilhadas e sentidas, pois possibilita uma percepção global do ambiente. Consideramos que a plantação com base agroecológica é um grande laboratório, onde experimentos são realizados ao longo dos séculos por meio das interações entre diferentes povos. No entanto, os cientistas (incluindo os agricultores e todos os seres do ambiente) não estão isolados do que ocorre no mundo, e o mundo está em transição agroecológica. Isso, por si só, apresenta limitações, pois o solo, o ambiente e as plantas também impõem seus próprios limites à ação humana. Eles não são variáveis completamente controláveis, a mercê de interesses.

4 Considerações finais

Para este texto, não buscamos esgotar o tema das interações de humanos com a terra no contexto da agroecologia no sertão nordestino. A trama foi explorada de forma a encontrar novas possíveis conexões e novas questões. Através da observação, foi possível compreender como os humanos não apenas coexistem com a terra, mas também constituem suas próprias vidas a partir delas. Ao mesmo tempo, para a manutenção das redes com a terra, é imprescindível a atenção e o cuidado com os seres mais-que-humanos e com a paisagem como um todo.

Ao participar do cultivo do sistema, os humanos obtêm a possibilidade de ganhos de renda financeira, bem como a ingestão de nutrientes necessários para obter energia, o que é fundamental para realizar as atividades cotidianas no sítio. Além disso, a manutenção e a recuperação da saúde estão intimamente ligadas às relações com as plantas e o meio ambiente. A co-constituição está presente também na formação da identidade, que ocorre nas interações com a paisagem e o sistema agroflorestal. Os humanos, inclusive, se associam a outros humanos com base no que têm em comum em relação às formas de se envolverem com a terra.

A pesquisa foi realizada com uma família experiente nas práticas agroecológicas. No entanto, a amostra ainda é reduzida, considerando a complexidade das redes de agroflorestas e agroflorestores do sertão. Portanto, isso suscita a necessidade de ampliar o número de participantes humanos e não humanos em futuras oportunidades. De forma geral, a contribuição que pretendemos trazer com este texto situa-se nas investigações sobre as ruralidades no sertão brasileiro, nos sistemas de cultivo que se opõem aos modelos convencionais e nos estudos dos seres mais-que-humanos nas ciências humanas. Com o desenvolvimento desses campos de pesquisa, novas e mais completas formas de interpretar as maneiras de compor a vida podem ser propostas.

Referências

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antão. 2004. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA.

CONTI, Irio Luiz; PONTEL, Evandro. 2013. Transição paradigmática na convivência com o semiárido. In: CONTI, I. L.; SCHROEDER, Edni Oscar. (org.). **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. Brasília, DF: Editora IABS.

FEIDEN, Alberto. 2005. Agroecologia: Introdução e conceitos. In: AQUINO, Adriana Maria; ASSIS, Renato Linhares. **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília, DF: Emprapa Informação Tecnológica.

FLORES, Luiza Dias. 2018. **Ocupar: composições e resistências kilombolas**. 2018. 309 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HARAWAY, Donna. 2016. **Staying with the trouble: making kin in the chitlucene**. Durham: Duke University Press.

INGOLD, Tim. 2018. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. 2022. **Agrotóxico**. [S. l.]: INCA, 2019. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxicos>. Acesso em 13 out. 2023.

KOHN, Eduardo. 2013. **How forests think: toward an anthropology beyond the human**. Berkley: University of California Press.

MEDEIROS, Rondinely Gomes. 2019. “Mundo quase árido”. **Ilha**, Revista de Antropologia, Florianópolis, 21(1) p. 021–037. DOI: 10.5007/2175-8034.2019v21n1p21.

ONU BRASIL. 2017. **Má nutrição poderá afetar mais da metade da população mundial até 2030, alerta FAO**. ONU BRASIL, [s. l.], 8 nov. 2017. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/es/c/1058214/>. Acesso em 19 nov. 2023.

PAQUEREAU, Benoit; MACHADO, Giseuda; CARVALHO, Sonia. 2016. **O queijo de coalho em Pernambuco: histórias e memórias**. Garanhuns: Ed. dos Autores.

PRIMAVESI, Artur; PRIMAVESI, Anna Maria. 1964. **A moderna agricultura intensiva**. vol. 1: a biocenose do solo na produção vegetal. Santa Maria: Pallotti.

SILVA, Daniel do Nascimento. 2010. **Pragmática da violência**: o Nordeste na mídia brasileira. 2010. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TRAJANO, Janice Alves. 2021. **Transição Agroecológica no sertão nordestino**: um estudo de caso. 114 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Fortaleza.

TSING, Anna Lowenhaupt. 2019. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília, DF: IEB Mil Folhas.

VIA CAMPESINA. 2017. **Las luchas de la Vía Campesina por la reforma agraria, la defensa de la vida, la tierra y los territorios**. Harare: Movimiento campesino internacional.